

566-7-20
8 m

RUBEM BRAGA

Bilhete ao Oto

OTO —

Soube que você vai passar um mês nos Estados Unidos, antes de voltar ao Brasil. Faz bem. Não tenha pressa: isto aqui está uma choldra, como diria o Eça, a quem perguntaram (ou a um personagem seu) que tal era Jerusalém, e respondeu: «Uma choldra! Pior do que Braga!»

Acabou-se o Festival Internacional da Canção, com a vitória de «Sabiá», composição visivelmente inspirada na editôra do mesmo nome. O Secretário de Segurança do Estado do Rio, Coronel Homem de Carvalho, mandou apreender os discos de «Caminhando», a música de Geraldo Vandré que teve o segundo lugar na classificação do júri nacional e o primeiro lugar no aplauso do público do Maracanãzinho.

Já confessei aqui minha falta de entusiasmo por essa canção, que vem empolgando tanta gente. Mas isso de proibir a música depois que todo mundo a ouviu é uma prova de que o Festival de Besteira que Assola o País se agravou depois da morte do nosso querido Stanislav. No Rio também se falou em proibir o disco, mas até agora nada se fez, e êle vende vertiginosamente; já houve uma autoridade que disse que êle encerra «ofensa às Forças Armadas». Oh, Senhor! Ofensa às Forças Armadas não é nenhum cantor que faz, é gente como essa que engendra a loucura criminosa da Operação PARA-SAR, querendo transformar a mais simpática e heróica organização da Aeronáutica em uma quadrilha de assassinos covardes.

Não quero mandar-lhe boatos, Oto, mas isto aqui já foi publicado em muitos jornais: suspeita-se de que o desastre que vitimou o Brigadeiro Eduardo Gomes foi, na verdade, um atentado. Isso mostra como o nosso clima está irrespirável. No Rio Grande do Sul um bando armado seqüestra e espanca artistas de teatro, em São Paulo uma organização extremista de direita age descaradamente protegida pelas autoridades, no Rio o tal Esquadrão da Morte mata diãriamente, no Exército correm manifestos, e parece que estamos sob um Governo paisano, fraco e tímido; o Crime da Universidade de Brasília continua impune, por mais «indignado» e «consternado» que êle fizesse ficar o Marechal Costa e Silva.

No meio de tudo isso morre o nosso sentimental e bom Alberto Sued; o Luís Lopes Coelho lança em São Paulo «A Idéia de Matar Belinda», um bom livro de contos policiais escritos com certa sofisticação; nosso colega Arnaldo Niskier é o primeiro titular da Secretaria de Ciência e Tecnologia da Guanabara, e um dia chegará, estou certo, a Ministro da Educação, a menos que nossos presidentes insistam em nomear para êsse lugar politíqueiros sem importância. Por falar nisto, o Ministério... continua o mesmo. Tudo continua o mesmo, e na mesma, isto é, tudo vai piorando, porque está provando históricamente que quando o Chefe do Governo deixar ficar como está para ver como é que fica, tudo fica mesmo daquele jeito.

Oto: não tenha pressa em voltar.

DN. 9-10-68